

Uma caça ao tesouro sensual e imprevisível  
em busca da Pedra da Luxúria.

# CORRIDA PERVERSA



**JANET  
EVANOVICH**

Autora do Top 5 Mundial  
75 Milhões de Livros Vendidos

«Enérgico, divertido e com um ritmo vertiginoso.»

*The Sunday Times*

100%

LEITURA IMPARÁVEL

GARANTIA



TOPSELLER

# UM

Chamo-me Lizzy Tucker e estava convencida de que era uma pessoa normal. O meu cabelo é louro, graças a uma pequena ajuda química. Tenho os olhos castanhos do meu avô Harry. Meço 1,65 metros, e o meu peito tem um diâmetro maior do que a minha cintura, o que se torna ideal para acampar. Tive uma infância medianamente embaraçosa, mas sem nenhum desastre verdadeiramente significativo. Não fui chefe de claque nem rainha do baile de finalistas. Não acabei o secundário com grandes notas. Depois, entrei no curso de Culinária: não fui brilhante em matéria de esquartejar animais, mas excedi-me na confeção de bolos. Estive noiva e deixei de estar. Boa viagem para ele. Em janeiro, três dias depois de fazer 28 anos, herdei a casa da minha tia-avó Ophelia e arranjei emprego como chefe de pastelaria na Padaria Dazzle's, em Salem.

Durante cinco maravilhosos meses, senti que a minha vida começava finalmente a compor-se. Mas foi então que

dois homens e um macaco caíram de paraquedas no meu mundo e o mudaram para sempre.

Um dos homens chama-se Wulf, diminutivo de Gerwulf Grimoire. É estranhamente atraente, com cabelo preto da cor da noite a cair-lhe sobre os ombros e ondulado sobre as orelhas. Tem a pele pálida, os olhos negros e intenções ainda mais negras. O outro tipo é grande e desajeitado e louro-arruivado. Tem um corpo bastante musculado, uma atitude algo questionável e um macaco chamado Carl. O tipo grande e desajeitado é inexplicavelmente charmoso e só tem um nome... Diesel.

Estes dois homens são da minha idade. E, segundo o Diesel, fazemos os três parte de um bando meio desorganizado de seres humanos com capacidades além do normal. Não acredito completamente nesta história, mas também não duvido totalmente. Reconheço que há pessoas que são mais inteligentes, mais corajosas, mais fortes, que cantam melhor e que têm mais sorte do que todas as outras. Portanto, como é que posso garantir que não há pessoas que têm algumas capacidades fora do normal? Além disso, ele não está a dizer-me que é o Super-Homem e que veio do planeta Krypton, pois não?

\*\*\*

É o primeiro mês de outubro que passo em Nova Inglaterra. Continuo a adorar o meu emprego e a pequena casa com dois quartos da tia Ophelia, que fica no cume de um monte, sobre o porto de Marblehead. A casa foi construída em 1740 e tem sido restaurada ao longo do tempo, com diferentes graus de sucesso.

Está um pouco inclinada, e as janelas não são exatamente verticais, mas tem lareira e fez-me sentir em casa desde o primeiro dia.

Normalmente, trabalho das cinco da manhã à uma da tarde, mas hoje tirei folga. A chuva batia contra as janelas da cozinha, e o velho ácer no quintal das traseiras rangia com o vento. Estava a cortar legumes para a sopa quando a porta de trás se abriu de repente, e o Diesel entrou para o minúsculo vestíbulo. Trazia botas de motociclista, calças de ganga desbotadas, uma t-shirt com publicidade a uma cerveja e um casaco desapertado de algodão cinzento. Vinha com uma barba de dois dias, e o cabelo espesso e despenteado estava molhado da chuva. Era um objeto sexual andante.

— Preciso que venhas comigo — disse-me. — Houve um tipo que acabou de ser atirado da sua varanda do 4.º andar. Há por aí rumores de que o Wulf encontrou uma pista sobre outra pedra SALIGIA. Suponho que este homicídio tenha algo a ver com isso.

Aquilo que o Diesel diz é que há sete pedras antigas que carregam em si o poder dos sete pecados mortais. Chamam-se pedras SALIGIA: se as juntarmos todas num mesmo recipiente, algo de muito, muito mau pode acontecer... por exemplo, o Inferno na Terra. Há pessoas que acreditam que as pedras acabaram por se estabelecer em Salem. O Wulf é uma dessas pessoas e já fez saber que as quer. Uma vez que parece que o Wulf tem, de vez em quando, queda para o lado negro, o Diesel foi incumbido de evitar que ele consiga juntar todas as pedras.

— Noutra situação, não me importaria de te acompanhar — respondi-lhe —, mas agora estou a fazer sopa.

— Muito bem, vejamos quais são as alternativas. Podes ficar aqui e continuar a fazer sopa ou podes ir comigo e

salvar a humanidade de ser atirada para dentro do caldeirão de Satanás.

Deixei escapar um suspiro. Ter capacidades especiais pode ser bom na teoria. E há pessoas, como o Wulf, que até gostam do poder que essas capacidades lhes dão, mas, quanto a mim, acho-as mais um fardo. Percebo que alguém tenha de salvar a humanidade de ir parar ao grande caldeirão do Inferno, mas porquê *eu*?

— Para dizer a verdade, nunca acreditei muito em toda essa história da SALIGIA — disse ao Diesel. — E não me sinto verdadeiramente preparada para salvar a humanidade.

— Tu tens uma capacidade importante que eu não tenho — respondeu ele. — És uma das duas únicas pessoas que conseguem sentir objetos relacionados com as pedras SALIGIA.

— E achas que vou ter de usar a minha capacidade nessa tal cena do crime?

— Provavelmente, não, mas és gira. E, se vou ter de olhar para um idiota qualquer esborrachado no passeio à chuva, então levo-te comigo.

— Achas-me gira?

— Acho. Agora podes despachar-te, por favor?

É um pouco assustador que eu seja tão fácil de convencer com um único elogio, mas é assim mesmo. Deitei os legumes cortados para dentro da panela e pus-lhe uma tampa.

Peguei na minha mala, que estava em cima do balcão da cozinha, e numa camisola com capuz pendurada ao pé da porta, e saí.

O teto de nuvens estava baixo, a chuva tornava-se em aguaceiros, e o ar era frio. Ainda havia barcos atracados no porto lá em baixo, mas eram bastante menos do que durante a

enchente do verão. O outono tinha chegado definitivamente à Nova Inglaterra.

O Diesel abriu a cancela branca que dava do meu pequeno quintal para a rua, onde tinha estacionado ilegalmente. Agora conduzia um *Jeep Grand Cherokee* vermelho, que não era novo nem velho. Normalmente, andava coberto de lama e de pó da estrada. Mas hoje a chuva tinha lavado a camada superficial de sujeira, e parecia quase limpo.

Entrei para o lugar da frente, pus o cinto e apercebi-me de que o Carl estava no banco de trás. Olhou para mim, fez-me adeus com o dedo e sorriu-me com um terrível sorriso de macaco, todo gengivas de macaco, dentes de macaco e olhos loucos e brilhantes de macaco.

Cresci nos subúrbios. Tínhamos gatos, cães, *hamsters*, porquinhos-da-índia, periquitos e peixes. Macacos, nunca. Um macaco era uma experiência nova, por vezes perturbante.

O Diesel conduziu ao longo da Weatherby Street até à Pleasant, na Pleasant virou para a Lafayette, e a Lafayette levou-nos à ponte que atravessa para Salem. Dirigimo-nos para o centro, virámos para norte e estacionámos atrás de uma carrinha da polícia, na Braintree Street. Aproximámo-nos do local onde uma pequena multidão estava reunida.

O bairro era uma mistura de edifícios comerciais e residenciais. Carros da polícia, uma ambulância e o carro do médico formavam um ângulo em frente a um prédio de sete andares de tijolo amarelo, que parecia ter sido construído nos anos 1970. Havia uma fita a delimitar a cena do crime em frente ao prédio, e um biombo improvisado escondia dos curiosos o corpo estendido no chão molhado pela chuva. Fiquei contente por haver um biombo. Não queria ver o tipo morto.

— Sabes como é que ele se chamava? — perguntei ao Diesel.

— Gilbert Reedy. Era professor em Harvard. A minha fonte disse-me que ele saiu da janela a voar e se esborrachou no chão com uma queimadura em forma de mão no pescoço.

Senti o pequeno-almoço às voltas no estômago, e uma gota de suor escorreu-me pelo lábio superior.

— Oh, não — exclamei. — Raios.

O Diesel olhou para mim.

— Respira. E pensa noutra coisa qualquer.

— Como é que posso pensar noutra coisa qualquer? Está ali um homem morto, e tem a queimadura de uma mão no pescoço.

— Pensa em basebol.

— Sim, basebol. E estou a jogar ou estou a assistir?

— Estás a assistir.

— No campo? Ou estou a ver na televisão?

— Na televisão.

O Diesel olhou para cima, para uma escada deslizante desconjuntada que ia dar a uma pequena varanda no 4.º andar. Olhei também para o mesmo sítio.

— Só conheço uma pessoa que consegue canalizar energia suficiente para fazer uma queimadura daquelas no pescoço de alguém — sugeriu ele.

— O Wulf?

— Sim.

— Então, achas que o Wulf empurrou o Reedy da varanda abaixo?

— Tudo aponta para isso, mas não combina com a personalidade dele. O Wulf gosta de trabalhos limpos. E este é

muito sujo. Não estou a ver o Wulf a atirar alguém de uma janela... especialmente estando a chover.

— Isso serias mais *tu* — atirei.

— Sim, isso seria mais *eu* — respondeu ele.

Passei os olhos pela multidão do outro lado da cena do crime e avistei o Wulf. Estava sozinho e impecavelmente vestido com calças justas e uma camisola, tudo preto. Não parecia um homem que, momentos antes, tivesse atirado alguém de uma janela. Tinha o cabelo penteado para trás, e os seus olhos negros estavam fixados em mim com uma intensidade que me arrepiou.

Senti o Diesel aproximar-se, o corpo dele a tocar o meu, a mão dele no meu pescoço. Era um gesto protetor. O Wulf acenou, como se compreendesse. Depois, houve um raio de luz, algum fumo, e, quando o fumo se dissipou, ele tinha desaparecido.

— O Wulf faz isto com o fumo desde que foi para um acampamento de magia, no 3.º ano — disse o Diesel. — Já está a ficar ultrapassado. Ele precisa mesmo de renovar os seus truques.

O Diesel e o Wulf são primos. São da mesma família, mas separa-os a personalidade e a ideologia. O Diesel é uma espécie de vigilante que trabalha para a agência reguladora que controla os humanos com capacidades excecionais. O Wulf é apenas o Wulf. E, por aquilo que tenho ouvido, isso normalmente não é uma coisa boa.

— E agora? — perguntei ao Diesel. — Vais falar com a polícia?

— Não. Não é assim que fazemos as coisas. O Wulf é uma responsabilidade minha.

— Ups.



— Pois, desta vez pisou o risco.

Vi uma mancha de pelo castanho passar por mim, e o Carl enfiou-se por baixo da lona que servia de biombo protetor.

— Pensava que tinhas fechado o Carl dentro do carro — disse ao Diesel.

— E fechei.

— Mas que raio... — gritou alguém, do outro lado do biombo. — De onde apareceu este macaco? Está a contaminar a cena do crime. Chamem o controlo animal.

O Diesel esgueirou-se por baixo do biombo e regressou com o Carl. Encaminhámo-nos rapidamente para o carro, entrámos, e o Diesel arrancou e acelerou rua fora.

— Ele tem alguma coisa na mão — disse eu ao Diesel. — Parece uma chave.

O Carl pô-la na boca e trincou-a.

— Iiii!

Dei-lhe um rebuçado em troca da chave. Tinha o tamanho de uma chave de algum diário e era toda trabalhada com minúsculas parras e uvas.

— É tua? — perguntei ao Diesel.

— Não. Deve tê-la apanhado do chão.

— Talvez a tenha tirado ao Reedy. Talvez lhe tenha mexido nos bolsos.

— Vi o Reedy, e ele não tinha bolsos. Estava só de *boxers* e com uma meia. Se calhar, tinha a chave metida no nariz ou enfiada noutra sítio qualquer que não vou dizer.

Tirei uma toalhita desinfetante da minha mala e espremi-a sobre a chave. O Diesel cortou por umas quantas ruas, encontrou de novo a Lafayette e virou para Marblehead.

— Já acabámos? — perguntei-lhe.

— Se tivéssemos acabado, eu estaria numa praia do Pacífico Sul. A minha ideia é voltarmos a tua casa para tu acabares a tua sopa e eu fazer alguma pesquisa sobre o Gilbert Reedy.

# DOIS

O Diesel atravessou rapidamente a Pleasant Street e a zona histórica de Marblehead, seguindo por ruas estreitas que foram feitas para a circulação de cavalos e peões. Virou na Weatherby Street e estacionou em frente da minha pequena casa. As janelas têm persianas de madeira cinzentas e molduras brancas e há uma lanterna de ferro pendurada de cada lado da porta vermelha da entrada.

A Glo estava sentada no degrau da porta, com o capuz do casaco preto puxado para a cabeça e abraçada à sua mala de lona. É solteira, como eu. Tem menos quatro anos e uns centímetros do que eu e é a empregada de balcão na Padaria Dazzle's. Tem o cabelo vermelho curto, e o seu gosto a vestir varia entre as princesas da Disney e o *punk rocker*.

Hoje trazia botas, collants e minissaia pretos e uma camisola às riscas pretas, laranja, rosa e azul-bebé por baixo do casaco preto. Levantou-se quando nos viu, e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso.

— Estava a ver que nunca mais vinhas e que ia ficar aqui sozinha para sempre — avançou ela.

Olhei para os dois lados da rua.

— Onde está o teu carro?

— Deixei-o em casa. Tem qualquer coisa a pingar.

— E como é que vieste até aqui?

— O meu vizinho deu-me uma boleia. Pensava que ias fazer sopa hoje de manhã.

— Houve uma pequena mudança de planos — retorqui.

O Diesel abriu a porta, o Carl entrou a correr, e nós entrámos atrás dele até à cozinha, onde o Gato 7143 estava aninhado num banquinho. O Gato tem pelo curto às riscas, só um olho e metade da cauda. A Glo salvou-o de um abrigo para animais e ofereceu-mo. Nos papéis de adoção, chamavam-lhe Gato 7143, e ficou com esse nome até hoje. O Gato saltou do banco, cheirou o Carl e afastou-se com um ar enojado. O Carl mostrou-lhe o dedo e tomou posse do banquinho.

— Enfeitiçaste alguém ultimamente? — perguntou o Diesel à Glo.

A Glo pousou a mala de lona em cima da bancada.

— Não. Tentei fazer um feitiço de felicidade para a minha vassoura, mas não resultou. Continua com muito mau humor.

A Glo já leu todos os livros do Harry Potter quatro vezes e tem aspirações a praticar feitiçaria.

Há uns dois meses, encontrou o *Livro de Feitiços de Ripple* numa lojinha de curiosidades e, desde então, tem andado a experimentar feitiços. Gosto muito da Glo, e ela é uma excelente empregada de balcão, mas como feiticeira é um desastre.

— Que sopa estás a fazer? — perguntou-me, olhando para dentro da panela.

— Legumes com caldo de carne e massa.

— E vais pôr alguma erva exótica? Tenho aqui algum pó de olho de tritão.

Procurou na mala e tirou de lá um pequeno frasco.

— E também tenho ovos de lagartixa, mas podem já não estar bons. Comprei-os em saldo.

— Obrigada, mas dispenso — respondi.

Tirei a pequena chave do bolso, pousei-a em cima da bancada e fui lavar as mãos no lava-louça.

— Caramba — disse a Glo. — É a chave do Lovey. Não sabia que tu é que tinhas comprado os sonetos.

— Não comprei nenhuns sonetos. Encontrei essa chave. Ou melhor, o Carl encontrou-a.

A Glo pegou-lhe e fixou-a de olhos franzidos.

— Se olhares bem de perto, consegues ver um L inscrito no meio das videiras. É verdadeiramente antiga, e a Nina, da loja Ye Olde Exotica, diz que é capaz de ser encantada. Vinha junto a um pequeno livro de sonetos. Eu andava a poupar dinheiro para o comprar à Nina, mas apareceu alguém antes de mim.

Apertei o avental atrás das costas e olhei para a Glo.

— Não sabia que gostavas de poesia.

— A Nina leu-me alguns dos sonetos. Eram tão românticos! E alguns deles tremendamente obscenos.

— Não há nada melhor do que um soneto obsceno — disse o Diesel, servindo-se de um pãozinho.

Não conseguia imaginar o Diesel a gostar de sonetos, obscenos ou não. Achava-o mais do género de gostar de quadras disparatadas.

A Glo voltou a pôr a chave em cima da bancada.

— A Nina disse-me que alguns dos sonetos eram infalíveis a despertar desejo, e achei que podiam dar-me jeito.

Nunca se sabe quando é que vamos querer despertar desejo em alguém, não é?

Olhei de relance para o Diesel e pensei que preferia ter um amuleto que me fizesse *ignorar* o desejo.

— Preciso de fazer alguma pesquisa sobre o Gilbert Reedy — disse-me ele. — Posso usar o teu computador?

— Claro.

— Quem é o Gilbert Reedy? — quis saber a Glo.

— Um tipo que morreu — respondeu o Diesel. — Fez um voo de cisne da varanda do 4.º andar, hoje de manhã.

\*\*\*

Pus a mesa do almoço para três. O almoço era sopa e pão acabado de cozer. Para a sobremesa, havia bolinhos de aveia.

O Diesel apareceu para se juntar a mim e à Glo, e o Carl saltou para a quarta cadeira.

— Chii?

— Não — disse o Diesel. — É sopa. Lembras-te da diarreia por causa do puré de batata? A sopa é pior.

O Carl mostrou-lhe o dedo, saltou da cadeira, deu umas voltas à cozinha e apareceu com uma tigela.

Pousou a tigela na mesa e trepou para a cadeira. Baixo de mais. Quase não conseguia ver a mesa. Saltou outra vez para o chão, correu até ao armário e voltou com a sua cadeirinha de bebé. Subiu para ela e sorriu para todos nós com o seu assustador sorriso de macaco, cheio de esperança.

— É tão giro! — disse a Glo. — Quer sopa.

Eu já tinha visto o Carl a comer e concordava com o Diesel. Sopa não era uma boa ideia. Pus uma fatia de pão da tigela

e deitei-lhe um pouco de caldo por cima. O Carl apontou para a sopa e apontou para a tigela. Queria mais.

— Nem penses — disse-lhe o Diesel.

O Carl atirou com a tigela ao chão e ficou a olhar fixamente para o Diesel. Este suspirou, arrancou-o da cadeirinha, arrastou-o até à porta das traseiras e atirou-o lá para fora.

— E se ele fugir? — perguntou a Glo.

— Isso era o meu dia de sorte — respondeu o Diesel.

— Ele não foge — disse-lhe eu. — Vai ficar ali fora parado à chuva até o deixarmos entrar e, nessa altura, fico com a casa toda a cheirar a macaco molhado.

Ouvimos arranhar na porta, o fecho soltou-se, a porta abriu-se, e o Carl passou por nós num foguete, em direção à sala. Ligou a televisão, fez *zapping* e parou no canal das compras por telefone. Revirámos os olhos e voltámos a dar atenção à sopa.

— Encontrei alguma coisa interessante sobre o Reedy? — perguntei ao Diesel.

— Ensinava literatura isabelina. Era solteiro, natural do Midwest. Conduzia um carro híbrido. Tinha 42 anos. Nada indica que fosse excepcional em alguma coisa.

— Ena, impressionante — admirou-se a Glo. — Tiveste de pagar a algum site de informações para arranjares esses dados todos?

O Diesel acabou de limpar o prato da sopa com uma côdea de pão.

— Não. Estava tudo na página do *Facebook*. E também tinha um blogue, em que contava que andava à procura de um livro de sonetos que tinha fama de ser mágico.

A Glo arregalou os olhos.

— Aposto que se referia ao livro do Lovey! Foi aí que encontraram a chave? A chave estava com o Gilbert Reedy?

— Talvez — respondeu o Diesel. — Ou talvez não.

O Carl entrou e mostrou o rabo ao Diesel. Não foi coisa que tivesse muito impacto, porque, por um lado, ele já andava sem roupa e, por outro, já o conhecemos bem.

— Palermo — atirou-lhe o Diesel. — Assim, não tens direito a sobremesa.

Isso despertou a atenção do Carl.

— Iip?

— Bolinhos — respondi-lhe.

O Carl saltou para a cadeirinha de bebé, endireitou as costas e pôs as mãos na mesa. Era um macaco *bem-comportado*. Dei-lhe um bolinho e ele meteu-o todo na boca.

— Tem maneiras — avisou-o o Diesel.

O Carl cuspiu o bolinho para a mesa, apanhou-o com a mão e começou a trincá-lo cuidadosamente.

— Bem, é melhor ir andando para casa — disse a Glo, depois de acabarmos de almoçar. — Tenho de lavar roupa, e a minha vassoura já deve estar a sentir-se sozinha.

Levou os pratos para a cozinha, vestiu o casaco de algodão e pendurou a mala ao ombro.

— Obrigada pela sopa e pelos bolinhos. Vemo-nos amanhã pela fresquinha.

Saiu pela porta das traseiras e, momentos depois, voltou a entrar.

— Não tenho cá o carro — disse. — Esqueci-me.

— Não há problema — respondeu o Diesel. — Eu e a Lizzy também íamos já sair. Damos-te boleia para casa.

Ergui o sobrolho e olhei para ele.

— Ah, íamos?



— Pessoas para ver. Coisas para fazer.

Passados 20 minutos, deixávamos a Glo à sua porta. Quinze minutos depois disso, estávamos a estacionar em frente ao prédio do Gilbert Reedy. Um contraplacado tapava a janela partida da varanda do 4.º andar. Era a única prova de que ocorrera ali uma tragédia. O corpo já tinha sido levado. Os carros da polícia e as ambulâncias também já tinham partido. A fita que rodeava a cena do crime já não existia, nem se via por perto nenhuma carrinha da polícia técnica. Só a chuva continuava a cair.

O Diesel saiu e veio abrir-me a porta.

— Vamos dar uma vista de olhos.

— Vai tu, fico aqui à espera.

— Isto não funciona assim. Somos parceiros.

— Mas não quero ser parceira.

— Ah, não? E eu não quero viver com um macaco.

Era um bom argumento, e, por isso, desapertei o cinto e segui-o até à entrada do prédio. Detive-me quando ele se dirigiu para o elevador.

— Espera lá! — exclamei. — Onde é que vais?

— O Reedy vivia no 4.º B.

— Vais entrar no apartamento dele?

— Vou.

— Isso é ilegal. E é esquisito.

Ele puxou-me para o elevador e carregou no botão do 4.º andar.

— Acho que é a coisa certa a fazer.

— Eu não acho.

— Tu és a parceira júnior. O teu voto só vale 15 por cento.

— Porque é que sou júnior? Tenho tanto poder como tu.

O elevador parou no 4.º, e o Diesel empurrou-me lá para fora.

— Só em sonhos.

— Tu consegues encontrar pessoas com poderes, e eu consigo encontrar objetos com poderes. Parece-me que é basicamente a mesma coisa.

— Fofinha, a lista das minhas supercapacidades é infinita. E tu, na verdade, fazes *cupcakes*.

Fiquei de boca aberta, sem resposta.

O Diesel fez-me um sorriso rasgado.

— Ajudava alguma coisa se dissesse que são uns *cupcakes* maravilhosos?

— Nunca mais hás de voltar a comê-los.

Ele pôs um braço à volta dos meus ombros e abraçou-me com força.

— Não estás a falar a sério.

Quando chegámos à porta B, tirou a fita da polícia que tapava a fechadura, tocou-lhe com a mão, e a lingueta recuou, revelando uma das capacidades da sua infindável lista. Conseguia destrancar *qualquer coisa*. Rodou a maçaneta e entrámos no apartamento do Reedy. O Diesel fechou a porta atrás de nós.

Era pequeno mas confortavelmente mobilado, com um sofá excessivamente estofado e dois cadeirões. Havia ainda uma mesa de apoio grande, cheia de livros, algumas canetas e um monte de folhas, presas por um elástico enorme. Em frente ao sofá, havia um televisor de ecrã plano. Ao lado da porta destruída da varanda, uma secretária. Espreitámos para a cozinha. Os eletrodomésticos eram antigos, mas estavam em bom estado. Havia uma mesa pequena com duas cadeiras. Via-se no lava-louça uma caneca de café. Havia ainda

um quarto e uma casa de banho. Nenhum deles tinha nada de extraordinário.

— O que é que estamos aqui a fazer? — perguntei ao Diesel.

— À procura de qualquer coisa.

— Ah, isso torna tudo mais fácil.

Fomos até à estante junto à secretária. Estava cheia de clássicos, algumas biografias, ficção histórica e uma grande quantidade de poesia, que ocupava uma prateleira inteira. O livro do Lovey não estava lá. Fui dar uma vista de olhos ao quarto do Reedy. Nada de sonetos. Na casa de banho e na cozinha, também nada.

— Não parece estar nada fora do sítio — comentei —, mas não vejo os sonetos do Lovey.

— A polícia já esteve aqui a recolher impressões digitais e qualquer coisa que lhes parecesse útil — respondeu ele. — Não vejo o computador nem o telemóvel. Talvez tenham levado também o livro, mas não me parece provável. Não tinham nenhuma razão para pensar que podia ser importante. O mais certo é que o assassino o tenha levado.

Fui até à mesa de apoio e olhei para uma antologia de Shakespeare que devia pesar uns 6 quilos, no mínimo. A capa já se encontrava baça, e as páginas estavam amareladas do tempo e tinham os cantos dobrados. Alguém usara uma folha pautada de um bloco para marcar determinada página. Abri o livro na marca e dei uma vista de olhos pela página.

— O Reedy tinha marcado aqui um soneto de Shakespeare — apontei ao Diesel. — E tomou notas. Copiou o verso que diz «Por vezes, é demasiado quente o brilho do olhar do céu»

e depois escreveu «Pista para a Pedra da Luxúria», sublinhado duas vezes. Mais abaixo, tem uma lista de artigos e livros académicos. O livro do Lovey é o último da lista.

O Diesel espreitou para as notas do Reedy por cima do meu ombro.

— *Luxuria*, em latim.

— Sabes latim?

— *Superbia, Acedia, Luxuria, Ira, Gula, Invidia, Avaritia.*

São os sete pecados mortais. É todo o latim que sei.

— E achas que o Reedy foi morto por andar a investigar a Pedra da Luxúria?

— Durante séculos, houve pessoas atrás das pedras, sem nada mais do que uma fé cega na sua existência, e, para as conseguirem, fizeram coisas horríveis. Não me admiraria se o Reedy fosse a mais recente vítima num longo historial de vítimas.

De repente, ouvimos alguém a tentar rodar a maçaneta da porta e ficámos em silêncio. Houve um som de raspar, e forçaram um pouco a porta. Uma pausa. Mais raspar e forçar. Outra pausa. Alguém tentava abrir a fechadura, mas sem êxito. O Diesel aproximou-se da porta, espreitou pelo visor e, sorrindo, voltou para junto de mim.

— Era o Hatchet. Mas parece que desistiu.

O Steven Hatchet parece ter a consistência da massa crua dos bolos e tem um cabelo ruivo de espantalho. Jurou obediência ao Wulf, veste-se inteiramente ao estilo medieval e é completamente louco. Tem 20 e muitos anos e é o único ser humano que se conhece com a mesma capacidade do que eu. Alegadamente, ambos conseguimos sentir a energia encerrada em objetos comuns. À primeira vista, isto pode parecer fantasia, mas acho que é bastante semelhante àqueles

agricultores que usam um pau bifurcado para procurar água no subsolo. Embora deva dizer que, na verdade, não sei se acredito muito nesses paus bifurcados.

Demos uma última volta pelo apartamento, e o Diesel pegou na antologia, no bloco e num monte de pastas.

— Não podes levar isso. Estás a roubar.

— Pensa antes que levo emprestado. Um dia destes, sou capaz de os devolver.

Fechou a porta do apartamento e voltou a pôr a fita da polícia no sítio. Descemos no elevador e demos de caras com o Hatchet, com uma serra elétrica na mão.

— O Wulf sabe que andas a brincar com ferramentas elétricas? — perguntou-lhe o Diesel.

— O meu senhor sabe apenas que farei o que for preciso. Não lhe interessa como. Vós e a vossa desavergonhada também não precisais de saber mais.

Senti os meus olhos a semicerrarem-se e aproximei-me impercetivelmente do Hatchet.

— Desculpa? Desavergonhada?

O Diesel pôs-me o braço à volta dos ombros e puxou-me discretamente para trás, o suficiente para que o meu punho não conseguisse chegar ao nariz do Hatchet.

— Não é segredo nenhum — disse ele. — Toda a gente sabe que o Wulf anda à procura da Pedra da Luxúria.

— E havemos de achá-la — respondeu o Hatchet. — Temos os sonetos e, muito em breve, encontraremos a chave.

— Porque é que não levaram a chave ao mesmo tempo que os sonetos?

O Hatchet corou intensamente.

— Foi um descuido.

Rodou nos calcanhares e dirigiu-se para o elevador.

— Ele vai fazer um buraco na porta do Reedy com aquela serra — avancei.

— Não me parece — respondeu o Diesel. — A porta é de metal, à prova de fogo. Se quiser entrar, terá de fazer um buraco na parede.

# TRÊS

Estava a chover a potes quando regressámos a minha casa. Tirámos os sapatos no vestíbulo e entrámos na cozinha de meias. O Diesel tirou alguns bolinhos do meu pote dos bolos.

— Podias ter defendido a minha honra quando o Hatchet disse que eu era a tua desavergonhada — sugeri.

— Estava a apreciar o momento. Sempre quis ter uma desavergonhada só minha.

O Carl entrou vagorosamente na cozinha. Tinha ficado a dormir no sofá da sala e estava com o pelo todo espetado. Coçou a barriga e arregalou os olhos em direção aos bolinhos do Diesel.

— Iii?

Dei-lhe um bolinho e concentrei-me na antologia e nas pastas que o Diesel tinha deixado em cima da bancada. A primeira tinha como título *História Geral das SALIGIA*. A segunda pasta continha uma tese intitulada *O Mito da Pedra da Luxúria*, da autoria de alguém chamado Carl Stork. E ainda um artigo

académico do mesmo Stork. Ambos os trabalhos de Stork tinham sido escritos em 1943. A terceira pasta incluía um conjunto de páginas agrafadas, pedaços de papel e artigos recortados de jornais e revistas.

— A maior parte das coisas desta pasta é relativamente recente — disse eu ao Diesel. — Há algumas notas escritas à mão. Um artigo de jornal sobre uma exposição num museu que abriu na semana passada. Um artigo repescado sobre as bruxas de Salem. — Puxei este último e comecei a lê-lo. — Uau! Este artigo diz que a Miriam Lovey era suspeita de feitiçaria. Diz que desapareceu antes de poderem levá-la a julgamento. Tinha 15 anos na altura.

— Fala de sonetos sensuais?

— Não. Mas foi acusada de inspirar desejos inapropriados nos homens.

O Diesel tirou-me o artigo da mão e leu-o por si próprio.

— Toda esta história do julgamento das bruxas me arrepiava os tomates.

— Hum, adoro que partilhes esses pormenores comigo.

— Não tens nenhuma parte equivalente do corpo que sintas arrepiar quando falamos neste assunto?

— Não, mas estou a ficar agoniada.

A campanha tocou, e alguém bateu com força na porta. PUM, PUM, PUM! Fui abrir a porta, e o Hatchet irrompeu pela sala, de espada na mão.

— Entreguem-ma — ordenou. — Ou terei de vos passar pelo fio da espada.

— Tens de te livrar dessa mania medieval — disse-lhe o Diesel. — Pareces um idiota.

— Gozais agora comigo, mas um tempo chegará em que vos inclinareis perante o meu senhor e perante mim também.



O Diesel não pareceu muito preocupado por ter de se inclinar perante o Wulf e o Hatchet.

— Há uma razão para esta visita, não há?

— Vós tendes algo que nos pertence por direito. Nós temos o livro, e a chave faz parte do livro.

— Que chave? — inquiriu o Diesel.

— Sabeis muito bem. A chave do Lovey.

— Não. Não a temos.

— Mentira. Fostes ao apartamento do Gilbert Reedy antes de mim e trouxestes a chave.

— Como é que sabes? — perguntou-lhe o Diesel. — Pode ter sido a polícia a levar a chave. Se calhar, a chave não existe. Ou talvez o Reedy a tenha engolido e só a encontrem quando estiverem a fazer a autópsia.

— Sei porque tenho poderes — respondeu o Hatchet. — Sinto estas coisas. Cheiro-as. Tenho visões. Espreitei pela janela da cozinha agora mesmo e vi a chave em cima da bancada.

— Achado não é roubado — atirou o Diesel.

Os olhos do Hatchet quase saltaram das órbitas, e o rosto ficou púrpura.

— Será nossa! — gritou. — O meu senhor assim o ordena. Ireis dar-me a chave ou morrereis!

Ergueu a espada e deu um passo na minha direção; o Gato voou pelo ar e agarrou-se à cara dele.

— Ui! — guinchou o Hatchet, largando a espada e tentando afastar o Gato.

O Diesel puxou-o pela túnica e levantou-o do chão.

— Deixa, que agora trato eu disto — disse ele ao Gato.

Este soltou-se da cara do Hatchet, aterrou graciosamente no chão e sacudiu um bocado de cabelo que lhe tinha ficado preso nas unhas.

Mantendo a distância, o Diesel empurrou o Hatchet, atirou-o lá para fora e fechou a porta, trancando-a.

PUM, PUM, PUM. O Hatchet martelava na porta com os punhos. O Diesel abriu-a e olhou para ele.

— Que é que foi agora?

Ele tinha a cara cheia de arranhadelas de gato que começavam a sangrar.

— Parece-me que deixei a minha espada na vossa sala.

O Diesel foi buscar a espada, entregou-a ao Hatchet e trancou a porta outra vez.

— Alguma vez consideraste pôr persianas nas janelas da cozinha? — perguntou-me o Diesel.

— As persianas custam dinheiro.

— Talvez devesse passar aqui a noite. Para ter a certeza de que estás seguro.

— Não é preciso. Tenho o Gato.

\*\*\*

O meu rádio-despertador começou a tocar música às 4.15 da manhã. Ainda era de noite. O Gato dormia aos pés da cama. Não se ouvia chuva a bater nas janelas. Só bons sinais. Arrastei-me para fora da cama, tomei um duche e vesti o meu habitual uniforme de calças de ganga, t-shirt e ténis.

O soalho da casa é de tábuas largas de pinho amarelo. Algumas são muito, muito antigas, outras são novas. Os tetos são baixos. As paredes, de estuque antigo. As janelas são de madeira, com vidros pequenos. A cozinha está longe de ser sofisticada, mas é perfeitamente funcional e acolhedora. Sobre a minha pequena área de trabalho, tenho as painelas e frigideiras penduradas em ganchos presos às traves do teto.

Pus o café a fazer, deitei biscoitos na tigela do Gato e pus-lhe água fresca. Comi um iogurte pequeno de frutos vermelhos, enquanto esperava pelo café, e pensei no meu dia.

Era segunda-feira. O que significava que teria de fazer a quantidade habitual de *cupcakes* e mais 45 de morango para o almoço semanal do Sr. Nelson no clube naval. E a Clara iria precisar de ajuda com o pão, porque o Sr. Nelson também quer 45 pãezinhos salgados. À tarde e à noite estaria livre, mas algo me dizia que o Diesel se encarregaria de preencher os espaços vazios.

Deitei o café numa caneca de viagem, acrescentei um pouco de leite meio-gordo, enfiei uma camisola quente e agarrei na mala. O Diesel tinha levado a chave do Lovey e os papéis do Reedy, mas a antologia de Shakespeare ainda estava em cima da bancada.

Olhei para a antologia e pensei no Hatchet e no Wulf... que poderiam estar os dois escondidos no escuro, algures entre mim e o meu carro, à espera de me saltarem em cima.

Se tivesse deixado o Diesel passar a noite em minha casa, ele proteger-me-ia de todo o tipo de monstros pegajosos, trogloditas e sugadores de sangue. O problema era: quem iria proteger-me dele? O Diesel representava 1,90 metros de tentação masculina de cortar a respiração e fazer água na boca. Era chato, encantador, provocador, praticamente transpirava testosterona e cheirava sempre bem. Mas também estava fora de alcance. Segundo ele, se duas pessoas com capacidades excepcionais se envolverem fisicamente, uma delas perderá todas as suas aptidões, e não há maneira de saber qual delas será. É um grande azar porque, se tivesse a certeza de que era eu, não me importaria nada de fazer esse sacrifício. Infelizmente, se fosse o Diesel e eu tivesse

de salvar o mundo sozinha, seria como subir contra a corrente sem remos.

Espreitei pela janela para o meu carro. Estava estacionado por baixo de um candeeiro da rua, apenas a alguns passos da minha porta. Não havia sinais do Wulf nem do Hatchet. As casas estavam todas às escuras. A maior parte de Marblehead ainda dormia. O Gato roçava-se na minha perna.

— Que é que achas? — perguntei-lhe. — Será seguro? Piscou os olhos, e tomei isso como um sim.

Abri a porta e saí cautelosamente. Tinha um plano. Se aparecesse alguém a correr para mim, dar-lhe-ia com a mala na cara e um pontapé nas partes baixas. Suponho que também devia gritar, mas detesto incomodar os vizinhos. Fechei a porta, caminhei rapidamente até ao carro e saltei para trás do volante. Não apareceu ninguém a correr. Mas o Wulf apareceu do nada, ali parado a segurar a porta do carro e a olhar para mim.

Não consegui inspirar ar suficiente para gritar, e dar-lhe um pontapé nas partes baixas não era uma opção naquele momento.

— Este lugar não é seguro para ti — disse ele, com uma voz suave e sedutora. — É esta vida que escolheste tem limitações. Se jogasses na minha equipa, não terias limitações. Podia dar-te um carro novo, uma pastelaria só tua, uma casa que não estivesse inclinada. — Fez uma pausa, e o seu olhar suavizou-se um pouco. — Podia dar-te normalidade.

Senti uma gota de suor gelado no lábio superior. Como é que o Wulf sabia que eu ansiava por normalidade? Estiquei-me para fechar a porta do carro e dei comigo a olhar para as suas calças, perfeitamente engomadas. Não se via uma única ruga. Os meus olhos estavam ao nível do material dele,

e pode dizer-se que não era demasiado grande nem demasiado pequeno. Dava ideia de ser o *tamanho certo*.

— Obrigada — respondi, obrigando-me a desviar a atenção e a olhar para ele. — Estou bem assim.

Meia-hora mais tarde, cheguei ao pequeno estacionamento por trás da padaria e estacionei o carro. Saía luz pela porta aberta das traseiras, e via-se farinha a flutuar no ar como se fosse um pozinho mágico. A Clara já estava a trabalhar.

A Clarinda Dazzle é a última de uma longa linhagem de Dazzles que sempre geriram a padaria desde os tempos do puritanismo. É dona do edifício histórico e vive num pequeno apartamento no 1.º andar. Tem 40 anos, já se divorciou duas vezes e, atualmente, está sozinha. Tem os mesmos 1,65 metros que eu, mas parece mais alta, especialmente por causa do cabelo. O meu é louro e liso como uma folha de papel. O dela é preto, com algumas brancas, chegando provavelmente aos ombros, embora seja difícil de dizer devido aos caracóis frisados e ao seu enorme volume. Ela ainda tem genes índios dos Wampanoags, mas muito poucos.

Tirei a camisola quente, vesti um casaco branco de chefe e pus um avental de chefe à cintura.

— É o costume das segundas-feiras — disse a Clara. — Encomenda especial de pãezinhos salgados e *cupcakes* de morango.

Eu já pesava a farinha.

— Já estou com a mão na massa.

Eu e a Clara não falamos muito durante a manhã. As máquinas fazem barulho ao amassar e misturar mecanicamente as massas do pão e dos bolos. Habitualmente, recolho ingredientes, preparo tabuleiros para o forno, ponho a massa nas formas, concentrada em cada uma das tarefas que faço e também no

dia brilhante que vai nascendo à minha frente. Habitualmente. Hoje, o Wulf e o Hatchet interferiam. Os meus pensamentos estavam sempre a voltar-se para espadas, chaves, ameaças terríveis e calças perfeitamente engomadas.

— Estás bem? — perguntou a Clara. — Estás a falar sozinha. E a olhar furiosamente para a massa dos pãezinhos doces.

— Tive uma noite perturbante. Lembras-te do Steven Hatchet?

— O criado medieval do Wulf.

— Sim. Tenho uma chave que ele quer.

— E não queres dar-lha?

— Não.

— Então, pronto — concluiu. — Caso encerrado.

# AUTORA DO TOP 5 MUNDIAL 75 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

A vida pacata de Lizzy Tucker está prestes a ser virada do avesso, quando o seu espetacular e maravilhoso parceiro nas investigações do sobrenatural, Diesel, a desafia para salvar o mundo. Uma vez mais.

Depois de terem encontrado a Pedra da Gula, a *chef* de pastelaria e o caçador de recompensas do oculto mais sexy de Boston continuam à procura das restantes seis pedras SALIGIA que, segundo as lendas, detêm o poder de cada um dos sete pecados mortais.

Quando Gilbert Reedy, professor da Universidade de Harvard, é misteriosamente assassinado, atirado da varanda do 4.º andar da sua casa, pistas ligam o homicídio a Wulf Grimoire, uma figura do lado negro com quem Lizzy e Diesel já se haviam cruzado. Wulf está determinado em reunir as sete pedras para, com o seu poder, dominar o mundo, e desconfia-se precisamente que Reedy foi morto às suas ordens por estar a investigar a Pedra da Luxúria.

Seguindo as pistas que constam de um críptico livro de sonetos do séc. XIX, Lizzy e Diesel partem à descoberta da Pedra, que se pensa estar investida do poder da luxúria, deixando atrás de si um rasto de sepulturas assaltadas, distúrbios da ordem pública e o caos generalizado.

*Uma caça ao tesouro divertida e cheia de ação,  
ao estilo inconfundível e original  
de Janet Evanovich.*

## OUTROS TÍTULOS SENSACIONAIS DA MESMA AUTORA:



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20120 editora

Série Lizzy & Diesel, n.º 2  
Ficção estrangeira

ISBN 978-989-8626-33-2



9 789898 626332

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)